





## AS MULHERES NA DRAMATURGIA VICENTINA: UM PERFIL DE MODERNIDADE

### Resumo:

O sistema matriarcal (provado poeticamente através das Cantigas de Amigo – produto cultural autóctone – desde os finais do Séc. XII) que assinalou o *modus vivendi* das gentes do Minho e da Galiza, especialmente, aparece em evidência no discurso dramatúrgico vicentino.

A ausência sistemática do pai inspira à mulher moça uma conduta *sui generis*, marcada pela afirmação de uma vontade própria, pelo culto da sua pessoa, quer no plano moral quer no plano físico, os quais, por sua vez, suscitam a auto-responsabilização, a independência, a experiência de uma vida nova, pautada por um mais fácil acesso aos «prazeres mundanos».

Por outro lado, vive-se um ambiente espiritual, mental e economicamente novo e subsidiário dos descobrimentos portugueses e espanhóis.

A rapariga do povo e, em especial, a rapariga médio-burguesa, ostenta aspirações que só agora lhe são propiciadas e nunca antes, porque agora:

«... no nosso lugar  
Não dão por virtudes pão  
Nem casar não vejo eu  
Por virtudes a ninguém»<sup>1</sup>.

A vida é bela... e é necessário vivê-la enquanto é tempo...

Três anos pela Índia, no mercado pouco lícito das especiarias, pode cavar um abismo entre marido e mulher, e ser

«fonte de desamparos e adultérios»<sup>2</sup>.

A alegria de viver sente-se em estridências de pandeiros e os ares estão cheios dos ritmos das belas cantigas tradicionais.

Neste ambiente de extroversão, o modelo da «Virgem parida em Belém», apenas inspira, no plano sentimental, uma folia ou uma cantiga de romaria.

Tudo está mudando vertiginosamente:

Inês atira para fora dos seus dedos o travesseiro, que a mãe a obrigava a «lavar» e recusa um casamento imposto; para bem ou para o mal, há-de ser ela a escolher o companheiro.

\* Doutoranda em Filologia Galega na Faculdade de Letras de Santiago de Compostela – Galiza – Espanha.

<sup>1</sup> GIL VICENTE, *Auto da Feira*, Obras de Gil Vicente, 1965, Lello & Irmãos, p. 419.

<sup>2</sup> CAMÕES, in *Os Lusíadas*, C. IV, Est. 95.



Isabel olha-se ao espelho a «pôr do branco e do vermelho» e a ensaiar o sorriso com que há-de receber o escudeiro. Quem sabe se na corte haverá um dia lugar para moças como ela; e não poderá, é claro, estragar-se a «lavar» que

«Faz a moça mui mal feita  
corcovada e contrafeita»<sup>3</sup>.

Certos tipos sociais, como os judeus, os escudeiros pelintras e as alcoviteiras, medram bem neste ambiente em transformação. As mães, porém, vivem, em angústia, este choque de mentalidades (e de idades) que vem agudizar o eterno conflito de gerações.

A mulher da corte, todavia, vive em obediência aos velhos padrões... Só o luxo desenfreado a atormenta; e as modas... que acendem mais lascívia do que a nudez das índias do Brasil...<sup>4</sup>.

E depois... são tantos e tão belos os tesouros constantemente chegados daquelas terras de maravilha!

#### Nota

Não houve disponibilidade para, por escrito, organizar, como era meu desejo, esta comunicação, apresentada ao III Congresso Histórico de Guimarães.

O trabalho, porém, será publicado em livro, em edição – revista e ampliada – logo que possível.

<sup>3</sup> GIL VICENTE, *Farsa quem tem farelos?*, Obras de Gil Vicente, 1965, Lello & Irmãos, p. 583.

<sup>4</sup> Sugestão da Carta de Pedro Vaz de caminha a El Rei D. Manuel – sobre «O Achamento do Brasil».